

Querido Raúl Catulo,

escrevo-te de dentro de uma vertigem em que me deixaste e vais deixando à medida que nos reaproximamos. Ouves o eco? É uma cova que cavas de forma diligente: eis-me cá em baixo, espreitando para o buraquinho incandescente, aí em cima, sobre o qual te debruças para me ver. Do escuro, quero que me ouças. Que escutes esta pergunta. O que é um paradoxo, porque julgávamos que eras tu o morto, e eis-me num sepulcro. Escuta que te quero. Escuta que me enganei, que não é platónico. Escuta que talvez não tenha avançado de espada em riste por medo. Por calma. Por brandura.

Mas beijei-te, acarinhei-te. E, sobretudo, QUIS-TE. O tempo todo. E agora quero-te: comigo, em mim, em nós. Quero-te muito, Catulo.

Escuta pois a pergunta: é irrevogável a tua posição? Porque aqui, na fundura da vertigem em que me deixas, a minha deixou de ser. Sim. Voltei a apaixonar-me por ti. Escuta o eco: é verdade que não me desejas? Que tortura, porquanto nesta vertigem descobri desejar-te tanto.

Vem ao Estoril.

01:55 do primeiro dia de Agosto, 2023

Bernardo Maria Henriques Ribeiro Saigado

